

Até aliados se confundem às vezes

BRASÍLIA — O estilo enigmático que o sociólogo Fernando Henrique levou para a Presidência da República já lhe rendeu importantes vitórias. Mas às vezes o tiro sai pela culatra. Em reunião com os líderes dos partidos que apóiam o Governo, no primeiro semestre, discutia-se a reforma previdenciária. Como sempre faz, o presidente só deu sua opinião depois de ouvir seus interlocutores. Todos pediram que o Governo incluísse no projeto a quebra do sigilo fiscal para os sonegadores. Foram atendidos. Resultado: o sigilo foi derrotado na Comissão de Constituição e Justiça, com muitos votos da base governista.

— O presidente, quando quer, é uma esfinge. Mas às vezes ele fica uma arara — contou o líder do Governo no Senado, Elcio Alvares (PSDB), um dos presentes à reunião.

Fernando Henrique tem prazer em persuadir. Para conseguir isso, prefere agir por caminhos nem sempre claros, que mais parecem trapalhadas a decisões de governo. Quando montava seu Ministério, aceitou a indicação do paraibano Cícero de Lucena na cota dos ministros do PMDB. O problema é que o “ministro” terminou secretário e os peemedebistas reclamaram. Cícero chegou a pedir demissão, mas depois de um vôo com o presidente, mudou de idéia. Está até hoje no Governo e o PMDB, pelo menos nesse caso, parou de

incomodar.

— Entre o preto e o branco, o presidente vê o cinza claro, o cinza escuro... — diz o tucano José Aníbal (SP), líder do PSDB na Câmara.

O presidente gosta mesmo dos semitons. Um bom exemplo disso é o caso do adido militar brasileiro em Londres, coronel Armando Avólio Filho, acusado de ter participado de torturas de presos durante o regime militar. Quando a notícia do envolvimento do coronel veio à tona, o presidente cedeu à opinião pública e rapidamente assinou a exoneração do militar. Mas também cedeu às pressões dos militares e não nomeou um substituto, deixando Avólio no cargo. Desta forma, ficou bem tanto com civis quanto com militares.

Quando recebeu 20 baianos no Palácio do Planalto, durante as negociações por um acordo sobre a intervenção no Banco Econômico, o presidente viu-se numa situação que não o agrada, segundo seus interlocutores. Fernando Henrique prefere dar audiências a grupos pequenos, para não perder o domínio da conversa. Os governadores do Centro-Oeste também queriam um encontro conjunto com o presidente. Mas Fernando Henrique não gostou da idéia. Nem por isso deixou de atendê-los — individualmente.

— Todos em conjunto fica mais difícil — justificou o presidente a um parlamentar. (M.L.)